

M. A. KUZNIAR




A
FLORESTA
—DOS—
CORACÕES



M . A . K U Z N I A R

TRADUÇÃO DE LUISA FACINCANI

A
FLORESTA
—DOS—
CORAÇÕES



*Para minha mãe, Irena Kuzniar, por me criar com
amor e histórias, principalmente as banialuki,
nossas favoritas.*



PARTE UM

A cabana

Não havia nada a fazer a não ser esperar em silêncio que o perigo passasse, rezando aos deuses antigos para que eu não ouvisse as garras arranhando meu telhado, o ruído da maçaneta, uma unha deslizando pelas venezianas de madeira para abri-las pelo lado de fora.



Eu detestava o sabor de corações humanos.

Suculentos e carnudos, cantavam com toda a amargura de seus anos não vividos. Prepará-los era uma tarefa sangrenta que manchava minhas mãos e unhas, deixando-as fedendo a ferro e sal.

O coração que eu segurava ainda estava quente. Enquanto cantarolava uma velha canção folclórica, cortei fatias finas e as reservei. A massa estava cuidadosamente ajeitada dentro de uma forma de torta com o resto dos ingredientes já prontos: ervas e vegetais, acompanhados de um saboroso molho de tomate que estava sendo cozido em fogo baixo desde a manhã, com um gole generoso de vinho tinto que eu esperava que disfarçasse o sabor do coração. Que me fizesse esquecer que havia sido arrancado do peito de um homem há pouco tempo.

Eu costumava acreditar que meu coração era o lar de todas as minhas esperanças e sonhos, mas agora eu sabia a verdade. Era apenas carne. Empurrando-as da tábua de corte, joguei as fatias para dentro da torta com a mesma faca que eu havia usado para roubar o coração. Afiada o suficiente para deslizar pela pele como manteiga, forte o bastante para abrir a caixa torácica. Antes que eu perdesse a coragem, fechei a torta com massa e a enfiei no forno. Só então desabei sobre a bancada e tomei um gole daquele vinho tinto. Desceu queimando. Em breve, a torta ficaria dourada e eu seria forçada a comer cada pedacinho dela, mas até lá, eu poderia fingir que nada daquilo estava acontecendo. Fingir que eu havia criado essa vida solitária no último recanto de magia em Sary Bór, a floresta mais antiga de Mazrovia, porque eu combinava com uma

existência solitária em meio a árvores sanguinárias, espíritos perdidos e corujas que observavam cada passo que eu dava ao ar livre. E não porque eu havia sido amaldiçoada pela rainha da Mazrovia. Minha própria mãe.

Sete corações era o preço para recuperar meu reino.

A torta no forno continha o de número seis.

O sol se pôs enquanto eu esfregava o sangue das minhas mãos até a água ficar limpa. No centro da floresta, a noite caía como um manto, repleta de criaturas que rondavam sob um céu sem luar. Olhando com receio para a janela, corri para acender velas até que minha cabana brilhasse com uma luz amarelada, compensando as paredes de madeira quase pretas. A parte de baixo era um único cômodo, aquecido pelo grande fogão, perfumado com tomilho e alecrim secando em ramos junto às janelas. Fechei e tranquei as venezianas, uma a uma, espalhando sal e lavanda seca tirados do bolso do meu avental sobre os parapeitos das janelas e portas, selando cada batente com proteção, para que nada maligno tentasse entrar.

Enquanto a torta assava, ajeitei as duas cadeiras ao redor da mesa, organizei os mapas militares e papéis espalhados pelo chão, que haviam caído do sofá puído, e coloquei mais lenha no fogo. Ele crepitou e cuspiu em mim. Não era prudente sinalizar a localização de sua frágil existência estando tão fundo na floresta; ela tinha fome e eu não era o único ser vivo ali que se alimentava de carne humana. Mas as chamas eram necessárias para o meu segredo, que eu mantinha enterrado sob suas cinzas e brasas.

Uma dor repentina atravessou minhas costelas.

— Agora não — resmunguei, agarrando a lateral do corpo e torcendo para que a dor diminuísse, que tivesse sido apenas um aviso. Para o meu azar, ela tomou conta do meu corpo como se eu tivesse sido capturada por uma armadilha de caça, fazendo minha vista piscar. Com dificuldade de respirar por conta da dor avassaladora, subi cambaleando a escada de madeira que levava ao meu minúsculo quarto tentando me manter consciente. Ao empurrar a porta grossa cujas dobradiças emperravam todo inverno, fui tropeçando até a cama. Ali, desabei.

Minha cama ficava sob o beiral íngreme, onde uma única janela dava para os olmos que me cercavam. Seus galhos pousavam sobre o telhado

inclinado, arranhando-o com dedos retorcidos como se tentassem entrar. Respirei fundo e devagar, então me encolhi como uma lua crescente até que a dor passasse.

Do lado de fora, a floresta se acalmou. Ficou silenciosa. Até demais. Sary Bór farfalhava e grunhia sem parar até que algo realmente perigoso passasse por ali, então tudo prendia a respiração para evitar chamar a atenção. Com a maldição da minha mãe travando uma guerra contra o meu corpo, eu estava indefesa. Rangendo os dentes, estendi a mão para fechar as venezianas da única janela do andar de cima. Não havia nada a fazer a não ser esperar silenciosamente que o perigo passasse, rezando aos deuses antigos para que eu não ouvisse as garras arranhando meu telhado, o ruído da maçaneta, uma unha deslizando pelas venezianas de madeira para abri-las pelo lado de fora. Engoli a dor lancinante, torcendo para não ter atraído o olhar do demônio da floresta, que diziam ser o descendente do próprio deus do submundo, Veles, antigo e terrível o suficiente para partir sua mente de medo. Mas o medo era um velho aliado meu. Mesmo no castelo, ele havia sido um companheiro próximo. Ensinando-me a manter minhas lâminas afiadas e minha mente mais ainda. Dando-me força para lutar contra a maldição que se esgueirava pelas minhas veias.

A dor desapareceu com a mesma rapidez com que surgiu. Ao me levantar, afastei a cortina que protegia o único espelho que permiti ficar dentro da cabana. Uma rápida olhada não faria mal.

Quando minha mãe me amaldiçoou, por um momento pensei ter visto um lampejo de dor em seus olhos prateados, mas seu olhar era frio, duro e autoritário, apenas refletia minha própria dor. A traição havia sido tão mordaz quanto uma execução. O rompimento definitivo entre a rainha e sua única herdeira. Mãe e filha. Eu e o único lar que eu conhecia.

— Sete corações humanos serão o preço do seu retorno — minha mãe havia sussurrado, enquanto me amaldiçoava e se afastava. Essas teriam sido suas últimas palavras, um horror de despedida, se eu não tivesse gritado seu nome, forçando-a a se virar e encarar a filha que ela amaldiçoou uma última vez:

— Vou lutar. Não vai conseguir me matar.

Minha querida dama de companhia e amiga mais próxima, Katia, ajudou-me a fugir do castelo quando a maldição tomou conta de mim

e o banimento teve início imediato. Enquanto eu tentava respirar, com o coração apertado como se estivesse sendo esmagado em uma mão fechada, ela envolveu meu maior segredo com um tecido e o enfiou em uma mochila com suprimentos antes de me arrastar pelas passagens secretas e me enviar na direção de Stary Bór. Depois de viajar noite e dia, e noite novamente, por fim cheguei a uma cabana abandonada, situada em um emaranhado de olmos, que reivindiquei como minha.

Passei meu primeiro inverno tremendo de frio na cabana, recusando-me a matar qualquer pessoa. Não conseguia matar um pássaro nem tirar a pele de um coelho, como poderia ceifar uma vida humana? Mas o inverno se prolongou muito além do esperado, o gelo invadindo a cabana, fazendo com que minha respiração saísse como fumaça e deixando meus dedos dormentes. Quando o degelo chegou, minhas refeições já tinham ficado cada vez mais ralas, a tal ponto que eu poderia agradecer por ter um coração para encorpar meus parques ensopados. Eu me mantive forte, acreditando ter sobrevivido à pior parte do meu exílio. Até o dia em que acordei com uma dor terrível e dilacerante no fundo do peito. Convencida de que a morte estava estendendo a mão sombria sobre mim, rasguei meu vestido em frente ao espelho. Eu havia sido marcada pela maldição: uma raiz crescia em meu peito, a fina linha da casca visível através da minha pele clara. Uma crescente sensação de terror me envolveu quando uma única folha brotou da pele ao longo da clavícula. Talvez esse fosse um destino pior do que a morte. Ao tentar puxar a folha, sangrei. Essas estranhas marcas faziam parte de mim agora. Era como se eu tivesse engolido a floresta e ela estivesse criando raízes dentro de mim.

De repente, ficou claro que esta maldição não era apenas um exílio, nem uma manobra para me manter longe do castelo. Era uma sentença de morte.

Pela primeira vez, a ideia de matar passou pela minha cabeça, mas me recusei a sacrificar inocentes. Em vez disso, afiaria minhas facas para a pessoa que me amaldiçoou. Mesmo que eu pudesse voltar para casa, matar minha mãe não acabaria com essa maldição; quando eu era criança, li em seus diários que nenhuma maldição lançada acabaria caso a pessoa que a lançou morresse.

Eu me rendi.

Encontrei cinco pessoas diferentes que ousaram testar sua sorte na floresta naquele primeiro verão. Cinco corações que devorei, tornando-me uma assassina cinco vezes, em um nascimento de sangue e ossos.

Quando o inverno mais uma vez tomou conta da floresta com seu punho gelado, minha pilha de lenhas estava alta, os armários lotados com tudo o que havia guardado para a mais cruel das estações. No entanto, nenhuma alma se aventurou na minha parte da floresta, e então, não demorou muito para uma segunda raiz crescer, essa se estendendo do ombro esquerdo até o braço.

Com a chegada da primavera, cacei mais longe do que antes, até que me deparei com um lenhador cortando árvores. Era o coração dele que assava no forno.

Agora, desatando o espartilho reforçado que eu usava o tempo todo, feito de couro preto rígido e com veios de metal do Mar de Ferro, expus meu peito ao espelho. Eu carregava três raízes. Cicatrizes escuras que rangiam dentro de mim, rígidas e doloridas. Um lembrete doloroso de que meu tempo estava acabando; eu tinha me tornado uma assassina, mas ainda a um coração de distância de quebrar minha maldição. Raiva, remorso e culpa brotaram enquanto eu tocava as raízes com as pontas dos dedos. Depois de cobrir o espelho com a cortina outra vez, eu me arrastei até o andar de baixo. A floresta estava começando a voltar ao ritmo normal: o bater dos galhos no telhado, o vento soprando por entre as folhas, o lamento triste de presa encontrando o predador.

Eu havia acabado de voltar para a cozinha e tirar a torta do forno quando ouvi.

Um grito rouco.

Agarrei minha faca ainda com sangue, arranquei o avental, corri até a porta dos fundos e abri o olho mágico para espiar a fileira escura de árvores lá fora. Nada se moveu na folhagem, nenhum olhar brilhava na noite escura. Um segundo grito soou, mais fraco do que o primeiro, repleto de dor e medo. Talvez uma pessoa, capturada por uma armadilha. Talvez meu sétimo e último coração.

Ao destrancar silenciosamente a porta, eu me esgueirei para a floresta como uma sombra.



A travessar a fileira de árvores foi como entrar no campo de batalha. Demorou um pouco para os meus olhos se adaptarem. A copa das árvores era tão densa que nenhum raio de luar iluminava meu caminho. Samambaias emaranhadas e raízes furtivas ameaçavam me fazer tropeçar. Prestei muita atenção aos meus passos, o que era tão importante aqui quanto em uma luta de espadas. Uma coruja girou a cabeça para me encarar, seus olhos como lanternas sobrenaturais que me causaram arrepios na espinha: era apenas uma coruja ou havia algo *mais* olhando através daqueles olhos brilhantes? Por bisbilhotar as reuniões da rainha com a inteligência do castelo, eu sabia que minha mãe não era a única com espões por toda parte. A coruja podia ser dela. Ou seu dono poderia ser o demônio da floresta, que vigiava todos que passavam pelo seu território. Não sabia o que era pior.

Avancei em direção ao grito, meu coração palpitando.

“*Se você entrar em Sary Bór, é matar ou morrer*”, Katia havia sussurrado para mim durante nossa corrida pelas passagens secretas na última vez em que a vi. Seus olhos castanhos estavam arregalados em sinal de alerta, e seu conhecimento da floresta era maior do que o meu, pois fora criada em um dos vilarejos vizinhos, rico em folclore antigo e superstição.

“*O demônio da floresta saberá assim que você pisar em seu território. Encontre um abrigo e fique por lá. Ele é a única coisa no mundo que a rainha teme: ela não entrará na floresta dele. Você estará a salvo dela ali.*” Katia deixou o resto do aviso implícito: que eu poderia estar a salvo da minha mãe em Sary Bór, mas apenas se pudesse sobreviver à própria floresta.

As árvores farfalhavam com voracidade enquanto eu passava, sentindo o cheiro de sangue seco nas minhas roupas.

Em algum lugar próximo, um galho se partiu como uma coluna. Congelei no lugar, agarrando a faca com mais força, para ouvir. Um esmagar de folhas, um sussurro do vento e lá estava. Uma respiração ofegante. Caminhei na ponta dos pés em direção a ela, torcendo para não estar caindo em uma armadilha. Não estava com a mínima vontade de encontrar o demônio da floresta naquela noite.

Encostado em uma pedra coberta de musgo, na fenda onde dois carvalhos se encontram, estava um homem, inconsciente e sangrando.

Ele parecia alguns solstícios mais velho do que meus dezenove anos, e mesmo na escuridão, eu podia notar que era insuportavelmente lindo, com sua mandíbula acentuada, barba por fazer e cabelo desgrenhado. Uma pena que já estivesse praticamente morto; um coração sem vida não contaria como o sétimo. Minha maldição era cruel demais para isso.

Quando me inclinei para verificar seu pulso, seus olhos se abriram de repente, assustando-me.

— *Não* me toque.

Recuei, mantendo minha lâmina apontada em sua direção.

— Só estava vendo se ainda estava vivo. Você está gravemente ferido.

— Eu sei disso, acredite — gemeu ele, apertando a lateral do corpo. Sua camiseta estava rasgada, e a pele por baixo dela dilacerada por dentes ou garras. Um manto preto de lã escorregava de seus ombros e suas calças escuras estavam coladas às pernas, com algo que poderia ser lama ou sangue. O cabo de uma adaga esculpida despontava de sua cintura. Eu estava disposta a apostar minha última garrafa de leite de cabra que ela continha a imagem de Devana, deusa da caça e dos animais selvagens, venerada entre os caçadores. Apenas tolos, caçadores e lenhadores arriscavam suas vidas vagando por Stary Bór, e os ombros largos e braços fortes desse desconhecido indicavam que ele era caçador ou lenhador. A adaga em vez do machado me convenceu: caçador.

— O que te atacou?

Assumi uma posição defensiva, amaldiçoando minha própria imprudência por estar ali à noite. Deveria ter ficado na minha cabana, no calor e na luz, saboreando meu sexto coração antes que a maldição continuasse

a rastejar avidamente pelas minhas veias. Ainda estava baqueada pela dor de ter criado outra raiz.

O desconhecido grunhiu, tentando sentar-se em vão.

— Estava muito escuro para enxergar. Precisa manter essa coisa apontada para mim? Não sou uma ameaça para você.

Mas eu ainda não tinha decidido se seria uma ameaça para ele. Poderia ser meu sétimo coração. A chave para me libertar da maldição, livrar-me dessa dor que eu carregava todos os dias e ficar livre para planejar meu retorno ao castelo. Ele se deu conta disso, seu olhar foi se tornando cauteloso enquanto me observava, da calça de couro justa até a camisa larga que eu vestia, que escondia meu espartilho reforçado por baixo, da faca em minhas mãos até meus vastos cabelos pretos presos no topo da minha cabeça com uma faca um pouco menor.

Estremeci sob seu olhar direto. Com um sobressalto, percebi que estava encarando-o e comecei a falar com pressa.

— Você está colocando nós dois em perigo — disse a ele. — As árvores já sentiram o cheiro do seu sangue. — Apontei com a cabeça para o carvalho mais próximo. Suas raízes espinhosas haviam se erguido da terra enquanto estávamos conversando e agora rastejavam devagar pelo musgo, em direção a ele. — Não vai demorar muito até que os outros cheguem. E, acredite em mim, você não vai querer *conhecê-los*. — Eu não sabia por que ainda estava falando, eu já deveria ter tomado seu coração para que eu pudesse me livrar dessa floresta e de seus caminhos perversos. Mas eu nunca havia ceifado uma vida assim antes. Esse desconhecido estava ferido, indefeso. Matá-lo parecia algo que a rainha faria, e essa constatação foi o bastante para que eu embainhasse minha faca. Suspirei e estendi a minha mão em vez disso.

Seu olhar ainda estava fixo em mim.

— Por que eu deveria confiar em você?

Arqueei as sobrancelhas.

— Prefere uma sentença de morte?

A primeira raiz o alcançou, cravando a ponta afiada em sua coxa. Ele gritou e eu me lancei sobre ele, puxando-o para longe do perigo. Os carvalhos sibilaram, suas raízes se contorcendo de raiva, os galhos se chacoalhando. À distância, um uivo perfurou o véu da noite. O caçador cerrou os dentes enquanto lutava contra a dor, respirando ofegante.

Mesmo curvado para um lado, ele ainda era alto. Eu mal chegava às suas clavículas.

— Você vai me dizer seu nome? — ele perguntou irritado, o suor escorrendo por sua testa enquanto continuava segurando uma das minhas mãos, para se equilibrar.

— Aqui não — sussurrei, examinando a escuridão. — Alguém, *alguma coisa*, pode ouvir. — Era uma das leis básicas da floresta. — Um caçador não deveria saber disso?

Sua mão apertou a minha com mais força. A palma da minha mão formigou e eu hesitei, voltando meu olhar para ele. Ele estava me analisando outra vez, sua desconfiança misturava-se à curiosidade.

— Eu nunca disse que era um caçador.

Uma raiz espinhosa se arrastou por cima da minha bota. Despertando do transe, agarrei seu braço, puxando-o para longe. Outro uivo ecoou por entre as árvores, dessa vez perto o bastante para fazer com que algumas criaturas menores corresse pelo matagal. Um corvo grasnou um aviso. Xinguei baixinho, coloquei seus braços sobre meus ombros e comecei a levá-lo de volta para minha cabana. Minhas costas doíam por sustentar o peso dele, e minha nova raiz esticava minha pele.

— Precisamos cuidar dos seus ferimentos — disse entre dentes, ignorando a maneira como estávamos pressionados um contra o outro, que essa era possivelmente a pior ideia que eu já tinha tido, já que minha cabana abrigava muitos segredos que poderiam ser minha ruína.

— Obrigado — ele sussurrou gentilmente.

Eu poderia muito bem matá-lo depois.



Havia algo na minha cabana.

Assim que destranquei a porta, senti o cheiro. Inebriante e selvagem, ele perfumava minha cabana com algo errado. Impossível crescer com uma mãe bruxa e não reconhecer o odor de magia no ar. Por mais que ela tentasse escondê-lo, eu tinha sido uma criança curiosa, esgueirando-me pelo castelo para aprender o máximo que podia sem que ela soubesse.

— Espere aqui. — Abaixei-me sob o braço do caçador, apoiando-o na parede.

— Você não deveria entrar aí sozinha. — Seu olhar estava atento, alerta, apesar da perda de sangue. *Ele também havia sentido?* Se sim, não era uma grande surpresa. Mazrovia era um reino repleto de tradição mágica, mesmo que seus cidadãos estivessem se voltando contra a magia agora, ela ainda estava incorporada em seus ossos.

— Eu já lidei com coisas piores do que qualquer coisa que esteja lá dentro — respondi enquanto ele continuava a olhar para o meu rosto, analisando-me mais uma vez. Um apoio seria útil, mas ele era um desconhecido, ferido. Era um risco. Por isso ficou esperando do lado de fora.

Preparando-me, desembainhei a faca maior e entrei sozinha.

Foi difícil não correr até o coração para verificar se o fogo ainda protegia meu segredo. *Nunca se precipite em um ataque se sua defesa ainda não está sólida*, Pan Jedrick, meu mestre de armas, e uma das pessoas de quem eu mais sentia falta do castelo, costumava me ensinar enquanto acertava minhas botas com seus bastões, procurando por pontos fracos na

minha postura. Baixinho e robusto, com uma cabeça tão careca quanto o cume da montanha onde cresceu, localizada no extremo oeste do reinado, seu sotaque carregado ecoava nas minhas memórias. *Ou então seu último pensamento será o pior tipo de arrependimento.* Era sua faca que eu empunhava agora: o punho ornado com as montanhas e a lua cheia das Colunas de Dragão, e sua lâmina capaz de cortar magia.

Mantive minhas costas voltadas para a parede e rodeei o andar de baixo, procurando pela fonte de magia que queimava minhas narinas. Quando me aproximei do fogo, finalmente me permiti dar uma olhada rápida. O alívio tomou conta de mim. O coração estava intacto.

Algo passou correndo pelo chão da cozinha.

Eu me virei, tentando ver onde estava. O que era.

— Onde está se escondendo? — Ergui a faca, aproximando-me.

A coisa saiu voando de debaixo do armário e se enfiou sob o fogão. Era uma massa disforme e sombria com tentáculos de escuridão que se espalhavam. Minha mão estremeceu enquanto eu engolia o medo. Demonstrar medo era declarar fraqueza, e fraqueza era um convite para ser devorada. *Matar ou morrer*, Katia tinha dito. Estava mais para devorar ou ser devorada.

O coração que eu havia assado em uma torta estava em cima do fogão. Era isso que a criatura queria?

— Saia daí, saia — sussurrei, erguendo a mão para puxar a segunda faca no meu cabelo. Eu não perderia meu sexto coração.

Algo agarrou meu pulso por trás.

Eu me virei, atacando com minha primeira faca.

Mas o caçador foi mais rápido, agarrando aquele pulso também.

— Solte-me — disse furiosa, prestes a erguer o joelho para acertá-lo naquele lugar que o faria cair de joelhos, mas ele meneou a cabeça para mim, com um leve sorriso nos lábios.

— Você não quer fazer isso — ele me disse.

— Vá para Nawia — rosnei, tentando me libertar para que eu mesma pudesse enviá-lo para o submundo.

Com um movimento dos pulsos, tentei abaixar meus braços para liberá-los, mas a pegada do caçador era firme, suas mãos eram flexíveis e fortes, e resistiam facilmente aos meus esforços para me soltar. Franzi o cenho. Como ele podia ser mais forte do que eu, ferido como estava?

Talvez Pan Jedrick sempre tivesse pegado mais leve comigo do que eu imaginava.

Seu sorriso ficou maior, irritando-me ainda mais.

— Isso é um domovoy — disse, indicando com a cabeça a horrível poça de sombras escondida sob o meu fogão.

Parei de lutar, abaixando-me e olhando para as sombras. Um tentáculo ainda estava visível, estendido sobre o chão da minha cozinha como uma cobra gorda.

— Você está mentindo — disse categoricamente. — Ninguém vê um domovoy há anos.

Eu deveria saber. O castelo já tivera centenas de espíritos protetores vivendo sob suas torres, mas todos evaporaram quando a rainha começou a expurgar a magia há uma década.

Eu ainda me lembrava daquele que dormia debaixo da minha cama quando eu era pequena. Ele costumava roubar minha escova de cabelo para dormir com ela.

— E isso não se parece em nada com um domovoy. De acordo com as histórias — acrescentei rápido.

Nem todo mundo tinha sorte de ter um espírito doméstico, e minha verdadeira identidade também era um segredo, perdendo apenas para aquele que eu guardava no meu fogão.

— Ninguém vê um domovoy *completamente formado* há anos — corrigiu-me o caçador. — Esse parece ter tido a sorte de sobreviver ao Expurgo, embora esteja enfraquecido. Mas, ainda assim, é melhor não o irritar. Dê a ele alguns pires de leite e eu aposto que ele começará a recuperar sua forma.

— Tudo bem — resmunguei.

— Se eu a soltar, você ainda vai me chutar?

Olhei-o de maneira fulminante.

— Se você *não* me soltar, vai desejar que eu apenas o tivesse chutado. Ele abriu devagar um sorriso para mim.

— Talvez eu deva continuar te segurando, então.

Meu estômago se revirou, e minhas bochechas coraram contra minha vontade.

— Tente e sofra. — Eu nunca quis tanto chutar um homem. Se ele não estivesse ferido... resisti.

O caçador soltou minhas mãos devagar, observando-me com atenção. Seus olhos eram de um tom verde-escuro profundo com pintinhas douradas que cintilavam à luz da lamparina. Meu cabelo escolheu aquele momento para terminar de se soltar, já que eu havia retirado a faca dali. Ele caiu ao redor dos meus ombros, selvagem e preto como o ébano.

Os olhos do caçador ficaram sombrios.

— Eu estava preocupado que você fosse me matar mais cedo, mas, pelos deuses, talvez valha a pena.

A culpa me envolveu como uma armadilha. Os rostos das minhas seis vítimas anteriores passaram pela minha mente em uma rápida sequência. Foi preciso um esforço descomunal para não olhar para a torta atrás dele, para não chamar sua atenção para um dos meus segredos.

— Se pensou que ia matar você, por que me deixou trazê-lo até aqui?

Ele deu de ombros e então fez uma careta, colocando a mão na lateral do corpo como se, de repente, tivesse se lembrado do ferimento.

— Eu não teria sobrevivido por muito mais tempo lá fora — admitiu.

Sua camisa estava coberta de sangue seco, tanto sangue que me perguntei como não havia sentido o cheiro quando voltamos para minha cabana juntos. A minha também estava. Senti a bile subir pela minha garganta, junto com a lembrança das últimas palavras que troquei com minha mãe, enquanto sua maldição se enraizava em mim. *Vou lutar*, eu havia gritado para ela, sentindo meu coração já apertado à medida que o banimento surtia efeito. *Não vai conseguir me matar*. Uma expressão estranha atravessou seu rosto quando ela olhou para mim. *Querida Branca de Neve, minha garota do coração puro, você não tem o que é preciso para lutar contra isso. Você não é um monstro*.

Engoli tudo de novo. E daí se eu tinha me tornado um monstro? Eu estava *viva*.

— Preciso ver seu ferimento agora! — Com uma bota, chutei a cadeira mais próxima, girando-a e empurrando o caçador para que se sentasse nela. Ao contrário de quando agarrara meus pulsos, ele cedeu facilmente. Quase com... entusiasmo. — Tire sua camisa — ordenei, pegando minha caixa de curativos de uma das prateleiras da cozinha.

Ele sorriu.

— Só se você pedir com jeitinho.

Apoiei minhas mãos no braço da cadeira e me inclinei para me aproximar enquanto ele respirava fundo.

— Você preferiria o abraço frio da morte? — sussurrei de maneira sedutora, aparentemente incapaz de agir com gentileza.

Pelos deuses, esse desconhecido, esse caçador, mexeu comigo.

Sua risada era profunda, sombria. Deliciosa. Ao desabotoar a camisa com dedos ensanguentados, ele revelou o peito, firme e com a definição que eu esperaria de um caçador com sua atitude arrogante, sem se importar com o perigo antes de se aventurar em Sary Bór. Eu desviei o olhar, fingindo que não me afetava. Então, ele sibilou entre os dentes. Os trapos rasgados de sua camisa estavam grudados em sua ferida como musgo em casca de árvore. Delicadamente, retirei o tecido da pele, mostrando seu lado dilacerado.

— Seja lá o que tenha atacado você, não tinha a intenção de matá-lo — eu lhe disse, examinando as marcas das garras. Elas eram superficiais, mas a pele ao redor estava inchada e carmesim, coberta por algo que parecia uma seiva pegajosa. Era evidente que um veneno havia sido secretado em sua ferida, e eu conhecia apenas um monstro capaz de fazer isso.

— Deve ter sido meu dia de sorte — disse ele, ironicamente.

— Você foi envenenado. — Meu peito doeu como se estivesse criando outra raiz. — Foi um bauk. — O medo se infiltrou na minha voz. — Eles têm garras afiadas como punhais que liberam um veneno de ação lenta, mas são criaturas pacientes. Ele vai esperar até que o veneno faça efeito antes de voltar. Assim pode agir com calma.

Eu nunca cruzei o caminho de um bauk antes, mas Pani Agata, uma das minhas tutoras quando eu era criança, havia me ensinado muito bem sobre todos os diferentes tipos de criaturas que rondavam por Mazrovia, de Sary Bór até as Montanhas Colunas de Dragão, e todo território entre eles. Cada bauk carregava seu próprio veneno característico, com um cheiro específico que permitia rastrear sua presa.

E eu havia arrastado o caçador pela floresta até minha cabana. Deixando um rastro direto de sangue até minha porta.

— Eu sou uma idiota — murmurei, enrolando meu cabelo e prendendo-o com a faca menor.

— Não é uma fraqueza cuidar dos outros — disse o caçador, com gentileza.

— É claro que você diria isso — comentei. — Vou morrer por sua causa.

Ele me olhou, pensativo.

— Não pude deixar de notar seu jardim lá fora.

— Sou uma exímia jardineira — respondi sarcasticamente.

— É mesmo? — Seu tom era perspicaz. — Ou você é uma bruxa?

Uma velha memória ressurgiu, levando-me de volta aos meus sete anos de idade. A idade em que o coração de uma bruxa amadurecia com magia, e a única vez em que minha mãe me olhou de uma maneira que parecia esperançosa. *Vamos ver se você é mesmo minha herdeira*, ela murmurou, pegando minha mão e fazendo um corte no meu dedo antes que eu pudesse puxá-la. Ela derramou sete gotas de sangue em uma tigela antes de conjurar uma chama violeta iridescente. Com cuidado para não tocar aquela chama com a ponta de um dedo sequer, ela encarou o fogo, o meu sangue. Mas eu observava as chamas refletidas em seus olhos, que também traziam outra coisa: medo. Quando eu tinha sete anos, ainda não tinha me dado conta de que minha mãe era uma bruxa, de que ela estava me testando para verificar se eu tinha herdado a bruxaria. Mas eu também aprendi outra coisa aquele dia: minha mãe tinha medo de fogo.

Mais tarde, descobri a verdade: o sangue das bruxas queima. O meu não queimava.

— Pode acreditar, não sou uma bruxa.

Minha risada era amarga. Quando cresci e fiquei mais curiosa, descobri que minha mãe era uma bruxa e que ninguém além de seus conselheiros mais confiáveis sabia disso, mas já era tarde demais. Ela já tinha dado início ao seu Expurgo.

As bruxas pagavam com sangue por sua magia. Um dízimo. Mas em Mazrovia, a terra em si estava impregnada com uma velha magia residual, o bastante para sustentar as criaturas mágicas que vagavam por suas florestas, montanhas e lagos. Até minha mãe decidir que seu próprio sangue não era o suficiente para pagar pelo tipo de magia que ela queria usar. Então, ela começou a extraí-la de seu próprio reino, forçando todas as criaturas mágicas, como os domovoys, a fugir. Cada vez mais longe, até ficarem presos em bolsões de magia que a rainha ainda não tinha explorado em benefício próprio. Como Sary Bór.

Todos aqueles fora do círculo de confiança da rainha acreditavam que ela estava apenas banindo a magia sob as leis da nova religião que se espalhava pelo reino, e que obrigava todos os cidadãos a denunciarem

os antigos deuses, a magia e a bruxaria, e a se voltarem para o Único Caminho Verdadeiro. Entendia por que minha mãe mantinha seu sangue de bruxa em segredo: a fome assolou Mazrovia décadas atrás, e vizinhos e amigos se voltaram contra as bruxas. O medo de outra crise de fome fez os mazrovianos correrem para os braços do Caminho Verdadeiro. Isso eu também entendia. O que eu *não* entendia era porque minha mãe era sua maior defensora, utilizando a religião para garantir que fosse a única capaz de controlar a magia. Acho que o sabor do poder era doce o bastante para disfarçar a hipocrisia. Mas não importava, logo me livraria desta maldição abominável e o reino encontraria outra pessoa para ocupar seu trono.

— Acônito, laburno, beladona — listou o caçador.

Bom, alguém tinha boa memória. E também conhecimento suficiente para reconhecer as plantas de primeira, no escuro. Ele não deveria ser subestimado.

— Você não pode tê-las cultivado sem querer. Não tão dentro assim de Stary Bór. — Ele respirava com dificuldade agora. — Você tem um jardim de venenos. Deve saber como preparar antídotos. Pare esse veneno que corre pelas minhas veias e juro que matarei qualquer coisa que vier farejar sua porta.

Fechei os olhos e massageei minhas têmporas. Era trabalho demais por um estranho. Mas um coração envenenado não servia para mim. Quando abri meus olhos, seu olhar estava carregado de dor.

— Não prometo nada — eu o avisei.

Um alívio tomou conta de seu rosto. Algo dentro de mim doía de arrependimento. Na tentativa de me distrair, vasculhei minha caixa de curativos em busca de um tônico esterilizante. Eu podia não ser uma bruxa, mas preparar uma poção só exigia seguir uma receita, e eu tinha passado tantos anos desejando que minha magia se manifestasse, para que eu pudesse ser a filha que minha mãe queria, que eu invadia seus aposentos privados e decorava seus livros de feitiços. Aquelas páginas estaladiças de pergaminho que prometiam um mundo de poder eram como um conto de fadas para uma garotinha que só queria ser boa o bastante para sua mãe.

Sete corações eram o preço para retornar ao castelo, mas o coração da rainha seria meu oitavo. Pois eu não esquecia meus rancores. Eu os

cultivava até florescerem, tão mortais quanto os frutos pretos da minha planta de beladona.

— Prometa que não encostará as mãos em mim de novo — pedi.

— Juro pelos deuses — disse ele simplesmente, com sinceridade.

— Ótimo.

— A menos que você me peça — acrescentou.

Revirei os olhos.

— Vou limpar seu ferimento primeiro...

— Kazimierz, Kaz — disse ele, com a voz grave e calma, dando peso ao próprio nome. Um significado que eu ainda não conhecia. Mas que descobriria. — E você é?

— Elka.

Ele murmurou meu nome baixinho. Soava doce em sua boca. Eu me recompus com um leve sobressalto.

— Isso pode doer um pouco, Kaz.